

CARLOS NEJAR, A POET IN THE NATIONAL BOARD OF EDUCATION

Heitor Lopes Negreiros¹
Wagner dos Santos²

Abstract: This article aims to understand Carlos Nejar's conception of human formation and the way in which it may have contributed to the constitution of Brazilian political-educational culture. The author's literary works and interviews were chosen as sources in constant dialogue with *Art as Experience*, by John Dewey. As a theoretical-methodological basis, it is characterized as qualitative research that presupposes a critical-documentary analysis and an autobiographical interview. The results point to a human formation that has inventiveness and an approach to childhood as aspects of Carlos Nejar's political-educational culture, unfolded in the need for aesthetic education.

Keywords: Carlos Nejar. Education. Human formation. Aesthetics and education.

Carlos Nejar, um poeta no Conselho Nacional de Educação

Resumo: Este artigo objetiva compreender a concepção de formação humana de Carlos Nejar e a maneira como pode ter contribuído na constituição da cultura político-educacional brasileira. Elegeram-se como fontes as obras literárias e entrevistas do autor em constante diálogo com *Arte como experiência*, de John Dewey. Como fundamentação teórico-metodológica, caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa que assume a análise crítico-documental e a entrevista autobiográfica. Os resultados apontam para uma formação humana que tem a inventividade e a aproximação da infância como aspectos da cultura político-educacional de Carlos Nejar, desdobrada na necessidade de uma educação estética.

Palavras-chave: Carlos Nejar. Educação. Formação humana. Estética e educação.

¹ Universidade Federal do Espírito Santo. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9394-1907>.
E-mail: heitornegreiros@gmail.com.

² Universidade Federal do Espírito Santos. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9216-7291>.
E-mail: wagnercefd@gmail.com.

INTRODUÇÃO

De toda formação do Conselho Nacional de Educação (CNE), criado pela Lei nº 4.024/1961, com redação alterada pela Lei nº 9.131/1995, identificamos intelectuais que pertenciam ao campo educacional ou eram políticos que exerciam mandatos como conselheiros. O intelectual que se diferencia dos demais membros do CNE, desde sua recriação, quanto a esses aspectos é o poeta Carlos Nejar.

As inquietações para este estudo surgiram pelo fato de Carlos Nejar ter sido membro do CNE: o único poeta conselheiro desde a recriação do órgão em 1996, normalmente ocupado por técnicos da educação e por políticos tradicionais. A partir desse impulso inicial, mergulhamos na obra nejariana em busca dos indícios que nos levassem ao seu projeto cultural e seu entrelaçamento com o político, desdobrados na cultura político-educacional do intelectual.

Luiz Carlos Verzoni Nejar³ é considerado o maior poeta vivo brasileiro (2022). É também ficcionista, crítico literário, cronista, contista, tradutor, historiador da literatura, jurista e professor. Formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais em 1962, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Fez Exame de Suficiência na Universidade Federal de Santa Maria (RS) e foi aprovado para lecionar Português e Literatura no 2º ciclo do magistério estadual. Em 1963, foi aprovado em concurso do Ministério Público, aposentando-se como Procurador de Justiça em 1986.

Nejar é, sobretudo, um intelectual entendido de maneira ampla e sociocultural, conforme Sirinelli (2003, p. 242), pois se estabelece entre “[...] os criadores e mediadores culturais”. O poeta foi indicado pela Academia Brasileira de Letras (ABL), mas compôs o CNE por uma escolha pessoal do então ministro da Educação Tarso Genro (2004-2005). Segundo Nejar (2022), Genro entendia a importância de um poeta no CNE, pois o Conselho já dispunha de muitos técnicos e o olhar poético para as questões educacionais seria de grande valia.

Para Gomes e Hansen (2016, p. 11), foi a partir das décadas de 1980 e 1990 que as críticas aos modelos macrossociais e deterministas permitiram possibilidades de análises mais consistentes que tinham os intelectuais como sujeitos históricos e não apenas como coadjuvantes “[...] de uma história das ideias, abstrata e isolada, alheia às condições de sua produção social e, como

³ Chamaremos apenas de “Carlos Nejar”, “Nejar” ou “o poeta”

decorrência, das vivências de seus produtores”. As autoras acreditam que a educação pode ser a melhor expressão da mediação cultural realizada pelos intelectuais.

Segundo Coelho (1971), entre 1957 e 1958, Carlos Nejar iniciou sua “tarefa poética”. Para a autora, o trabalho do poeta possuía, desde os primeiros escritos, uma individualidade criadora que, por um lado, absorvia a essencialidade daqueles (autores) que se voltavam para o homem diante do enigma da vida e, por outro, também se associa à pesquisa experimental (na poesia). Pontiero (1983, p. 13) destacou que as primeiras realizações em verso de Nejar coincidiram com seus estudos jurídicos, o que, segundo o autor, “[...] ajuda a explicar a rara combinação da forma lírica e terminologia legal na poesia nejariana”.

Sobre a sua passagem pelo CNE, Nejar (2022, p. 1) discorreu, em entrevista aos autores deste artigo:

Eu estive no Conselho o tempo necessário. Passava períodos em Brasília, adaptando-me à cidade, que tende a ser, no seu formato arquitetônico, um imenso aeroporto. Minha vida e trabalho de criação estavam no Espírito Santo, onde morava. Viver de viagens não era minha opção de existir. Mas cumpri, servindo a educação no que pude. E foi uma honra.

O aceite de Nejar para compor o CNE não significa um engajamento político do poeta, mas sim um comprometimento com a educação brasileira. O compromisso de Nejar acontece com um projeto formativo no qual ele acredita, relacionado com sua cultura político-educacional que, naquele período, tinha como zona de abrangência o entendimento de concepção de educação mais alinhada com aqueles que estavam no lugar de poder (o PT, com a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva).

No programa de governo do PT, referente às eleições de 2002, o partido anunciou a intenção de mudanças na condução da educação do país em uma perspectiva não instrumental, em contraposição a uma educação tecnicista e voltada para o mercado:

A educação é antes de tudo um instrumento de promoção da cidadania e, sobretudo nos dias de hoje, instrumento fundamental para o desenvolvimento e a inserção competitiva de qualquer nação no mundo. Se o país aceita a condição de subalternidade, ele

dispensa cidadãos ativos, criativos, com sólida formação humanística e científica (PT, 2002, p. 24, grifos nossos).

Nesse sentido, a perspectiva que o PT assumiu para a educação naquele período coadunava com o que Nejar compreende de educação, formação e cultura. No entendimento de Nejar (2014), a cultura local deve ser valorizada, pois o Brasil é dotado de literatos de valores únicos. A grandeza cultural do Brasil é sempre evidenciada por Nejar (2014), que afirma que ela deveria ser reconhecida pelo resto do mundo, mas, sobretudo, pelos brasileiros, que muitas vezes desconhecem a cultura do próprio país:

A Bíblia diz que há o tempo de plantar e o tempo de colher o que se plantou. Sim, o tempo, arcabouço da cultura e da civilização. O Brasil ainda não teve o Nobel, mas não ele não poderá ignorar o nosso Continente. A criação literária do Brasil contemporâneo não deve nada à criação da Europa e do mundo. É vontade de Deus no tempo (Nejar, 2022, p. 1).

Essa reflexão de Nejar está, em alguma medida, alinhada ao que se pretendia para o projeto de formação humana do programa de governo do PT, de modo que expressa que o país não deveria aceitar a condição de subalternidade, mas valorizar a cultura interna. Sobre a cultura, o programa destacou: “Nosso governo adotará políticas públicas de valorização da cultura nacional, em sua diversidade regional, como elemento de resgate da identidade do País. Ao mesmo tempo, abrir-se-á para as culturas do mundo” (PT, 2002, p. 40).

No que tange a cultura, Nejar (2014) compreende que a política deve potencializar sua valorização para que se avance na descoberta de novos artistas e no acesso da sociedade a. O projeto de formação humana proposto pelo programa de governo do PT (2002) alinhava-se ao pensamento de Nejar, sobretudo em relação à valorização cultural e ao resgate da identidade nacional.

O tipo de heterogeneidade da formação do CNE se caracteriza como um indício da perspectiva de formação humana assumida pelo novo governo (PT, a partir de 2003), todavia, conforme evidenciaram Mota Júnior e Maués (2014), as continuidades das políticas educacionais entre os governos FHC e Lula foram mais fortes do que se esperava nessa transição, contrariando as expectativas daqueles que ansiavam para o cumprimento do que foi proposto no programa do primeiro governo Lula.

Diante do exposto, questionamos: por que o poeta foi escolhido para compor o CNE? Qual o projeto formativo do poeta? Como isso se expressa em sua obra? Nessa direção, o objetivo deste estudo é compreender a concepção de formação humana do poeta Carlos Nejar e a maneira como essa concepção pode ter contribuído na constituição das políticas educacionais e na cultura político-educacional brasileira.

ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Este estudo se configura como uma pesquisa de natureza qualitativa que assume a análise crítico-documental (Bloch, 2001) e a narrativa autobiográfica (Josso, 2007) como fundamentação teórico-metodológica. Ao escrever sobre a observação histórica, Bloch (2001, p. 73) afirma que, “[...] como primeira característica, o conhecimento de todos os fatos humanos no passado, da maior parte deles no presente, deve ser um conhecimento através dos vestígios”. Buscaremos, assim, os vestígios das práticas de Carlos Nejar que nos levem a compreender sua cultura política a partir da sua obra literária.

Apoiados nos estudos de Sirinelli (2003) sobre as gerações intelectuais, entendemos que Nejar está inserido na geração 1960. O pertencimento a essa geração indica a influência das concepções de educação que estavam em evidência nesse período, principalmente porque o poeta lecionava Língua Portuguesa e Literatura em escolas públicas nesse contexto. De acordo com Saviani (2007), entre os anos de 1961 e 1969, destacaram-se Anísio Teixeira e, na educação popular, Paulo Freire.

A concepção de educação de Anísio Teixeira e de Paulo Freire contribuíram para a construção do pensamento de Nejar na educação, de modo que ele pertencia à geração (1960), na qual os pensamentos de Freire e Teixeira eram predominantes na educação.⁴ Assim, a defesa de uma educação pública, gratuita e de qualidade compunha a base do entendimento de Nejar sobre a educação, aspectos com os quais Teixeira e Freire concordavam.

Outra característica que faz com que Teixeira e Freire sejam congruentes foi a influência do pragmatismo norte-americano nas suas concepções de educação, especificamente de John Dewey. Mendonça et al. (2006, p. 98) estabelecem uma relação do pragmatismo com o desenvolvimentismo nesse

⁴ Isso não acontecia sem tensões e disputas. Carlos Corrêa Mascaro se contrapunha às ideias de Anísio Teixeira, por exemplo, sobretudo no que dizia respeito à municipalização da educação.

período no Brasil, sobretudo no que diz respeito à consecução das políticas educacionais.

Desse modo, apropriamo-nos do pensamento sobre a estética de John Dewey e sua obra *Arte como experiência* (2010) para realizar o diálogo com a concepção educacional de Nejar, por entendermos que os intelectuais nos quais Nejar se fundamenta têm em comum as influências de Dewey (2010, p. 261), para quem “[...] a apreciação estética e a arte assim concebidas não são acréscimos ao mundo real, muito menos luxos. Elas representam as únicas maneiras pelas quais os elementos individualizados no mundo da natureza e do homem são compreendidos”. Ademais, como veremos mais adiante, a perspectiva da formação humana, que tem a experiência e a arte como eixos, são pontos cruciais tanto para o pedagogo quanto para o poeta.

Adotamos, também, o conceito de intelectual cunhado por Ory e Sirinelli (2007, p. 21), que o compreendem como: “[...] *un hombre de lo cultural, creador o mediador colocado en la situación de hombre de lo político, productor o consumidor de ideología*”. Além disso, apropriamo-nos do conceito de cultura política de Serge Bernstein (2009, p. 31), a qual é entendida como “[...] um grupo de representações, portadoras de normas e valores, que constituem a identidade de grandes famílias políticas”. Destacamos, ainda, que um intelectual está sempre em rede: com outros sujeitos, intelectuais, organizações, instituições, até mesmo com sua bibliografia. Conforme nos ensina Gomes (2019), o intelectual tem sempre intenções e projetos que entrelaçam o cultural e o político.

Assim, buscaremos compreender a concepção de formação humana de Nejar, adotando como fontes: artigos de opinião, entrevistas disponibilizadas, uma entrevista aos autores deste texto, além da obra literária do autor.

CARLOS NEJAR E A FORMAÇÃO HUMANA

Carlos Nejar foi o único poeta que esteve na formação do CNE no período de sua reconstituição (1996). Esse movimento indica a busca de uma formação humana, diferente da anterior, que era instrumentalizada e tecnicista, com um olhar para a educação que tivesse a arte como um dos pilares. Além disso, entre os nomeados conselheiros do período de 2003 a 2010, Nejar também se constituiu como o único jurista.

O pensamento nejariano, assim como sua obra, é identificado por ele mesmo como sobressimbolista. O sobressimbolismo foi teorizado por Oscar

Gama e pelo próprio Carlos Nejar. Segundo os autores, o sobressimbolismo é considerado o estilo de época deles, no qual qualquer escrita é uma escrita sobre uma superfície, um sobressímbolo. Gama (2023) compreende que Nejar criou vários estilos, como a meta-metáfora (a metáfora dentro da metáfora), a metametamorfose, a sinestesia por complementaridade, entre outros. Como todo estilo de época, o sobressimbolismo apresenta novas figuras de linguagem. Se o simbolismo buscava a musicalidade, o sobressimbolismo tem poemas musicais, com melodia, mas sem arranjo ou afinação. No sobressimbolismo, o leitor continua a criação do autor, e as metamorfoses são regidas por um universo intercambiável que pode ser alterado pela experiência na arte.

Para Gama (2021), Carlos Nejar é o autor clássico do sobressimbolismo, e Nejar reconhece: “Ele me revelou que, na poesia e na ficção, trago um novo movimento literário, o Sobressimbolismo. Depois verifiquei que há muito busco essa perspectiva. Ele descobriu o que me inventava” (Nejar, 2015). Gama (2021, p. 2), ao definir quem é sobressimbolista, afirma: “Quem se dedica a transformar letras em tintas espalhadas na tela branca da página e a compor cenas em quadros sem perspectiva, mas dotadas de plasticidade é [...] sobressimbolista”. Na obra nejariana, o próprio autor a caracteriza com a existência da “Imagem Eidética”, ou seja, uma imagem que continua na outra imagem infinitamente (em Nejar, escrever é falar imagens). Gama (2021) ressalta que o sobressimbolismo se caracteriza pela “vontade de poder fazer”, que inclui a tendência à memória absoluta. O sobressimbolismo não tem um significado único, mas se constitui de um significante com inúmeros significados. É o leitor que cria seu sentido através da experiência estética, como evidencia Gama (2021, p. 6): “[...] nossos símbolos são arquétipos, forma em busca do mundo que tentam moldar, utopias que propõem realidades em um lugar estético”.

Outra característica fundamental do sobressimbolismo ressaltada por Gama é a insatisfação com o cientificismo, com o neoliberalismo, com o dismantelamento das instituições brasileiras e com a destruição dos valores humanos e culturais pela globalização. O sobressimbolismo busca temas elevados e eleva temas vulgares até a altura em que se acha o estético, cabendo ao sujeito, pela experiência, encontrá-lo na leitura das conexões sugeridas pelo artista. O sobressimbolismo só pode existir com a experiência estética do sujeito que constrói, a partir das “pérolas” deixadas pelo artista (Gama, 2021), a sua experiência artística, a arte como experiência. O pensamento nejariano expresso em sua obra cria a possibilidade de uma nova sinestesia, uma sinestesia complementar, sobressimbolista. Como veremos mais adiante, a perspectiva de

formação nejariana tem o sobressimbolismo como aspecto fundamental, uma vez que é central no pensamento do autor. Nessa visão, a arte assume o papel de protagonista, e a experiência estética se configura como o instrumento principal.

A obra de Nejar é atravessada do humano como objeto. O poeta compreende o mundo como caótico, mas indica um caminho ao homem em suas primeiras obras, sobretudo em *Sélesis* (1960), no *Livro de Silbion* (1963) e no *Livro do tempo* (1965). Todavia, segundo Portella (1989, p. 73), a partir da obra *O campeador e o vento* (1966): “Deus se faz homem e pronuncia a palavra terrena. A religião é a chave do universo; o novo discurso poético assume a existência cotidiana”.

A perspectiva religiosa é evidenciada pelos estudiosos da sua obra, como Portella (1989), Machado (2013) e Terra (2020). O próprio Nejar (2018, p. 1) enfatiza: “[...] não sou eu que escrevo, é Ele que escreve por mim, há sempre uma transcendência na poesia”. O sentido do humano em sua obra acompanha a transcendência anunciada pelo poeta, na qual o humano ora é assumido como objeto principal, ora tangencia outros assuntos assumidos como objetos principais. Nejar é entendido como um militante, mas um militante sem partidarismo, “[...] um militante filiado ao mais universal dos partidos, o partido do homem” (Portella, 1989, p. 73).

O aceite de Nejar para compor o CNE vai além de sua afinidade com as ideias daqueles que estavam no poder, mas está conectado com sua afinidade e amizade com o também poeta e jurista Tarso Genro, de quem partiu o convite para a composição do Conselho.

Minha escolha foi inesperada, também por não ser política. O então Ministro da Educação, que é poeta e homem de cultura, conhecia-me e achou, com lucidez, que um poeta poderia ajudar na educação. E me encontrei ao lado de excelentes técnicos, aprendi com eles e também pude colaborar com a intuição e a sensibilidade, sem o que, nada do que é da educação, que trata do aperfeiçoamento da inteligência, funciona. E como nada do que é humano nos é estranho, assim foi minha atuação no Conselho Nacional de Educação. Sentia-me em casa. Nas leis, como advogado e no senso de realidade, como poeta (Nejar, 2022, p. 1).

Nejar considera a sua escolha como inesperada em um ambiente em que as escolhas eram eminentemente políticas. Isso não deveria ser a regra, pois, de

acordo com a Lei nº 9.131/1995, o CNE deve ser plural e considerar a lista tríplice indicada pelas instituições consultadas, inclusive a ABL, da qual Nejar fazia parte. Todavia, a fala do poeta denuncia as indicações políticas das próprias instituições.

Nejar destaca Tarso Genro como um homem da cultura e também poeta dotado de sensibilidade para compreender a importância de um homem das letras como ele, na composição do órgão que iria normatizar a educação brasileira. Destacamos que a similaridade de Genro e de Nejar está na poesia e também no Direito, duas áreas que os permitem ter sensibilidade e o saber jurídico:

Quando o ministro Tarso Genro me convidou, ele me disse: 'Nejar, nós precisamos de um poeta no Conselho. Estamos cansados de tantos técnicos e especialistas. A poesia vai nos ajudar a resguardar dois elementos fundamentais que muitas vezes são perdidos na escola tradicional: a língua e a criatividade' (Nejar, 2005, p. 1).

A língua, a sensibilidade, a criatividade e a intuição próprias de um homem das artes, são os atributos que tanto Nejar como Genro consideram relevantes para que a normatização da educação não aconteça de maneira tecnicista, de modo que o conhecimento se torne desinteressante. Sua composição no CNE contribuiria para alcançar uma perspectiva estética da sensibilidade, necessária para que o projeto de formação humana proposto pudesse acontecer.

Para o autor (2021), nada nasce do nada. A literatura nasce de outra literatura, de um outro objeto, pois uma palavra dá vida à outra palavra. A partir do contato com outras literaturas, com outra arte, novas literaturas e novas artes podem surgir, sem que haja uma cópia, mas uma inspiração. A perspectiva de formação humana de Nejar se diferencia da de educadores que têm como foco a mobilização da educação como uma forma de se transformar a sociedade e se libertar da opressão ou resistir ao sistema capitalista, pois:

[...] nós não carecemos apenas de liberdade, nós carecemos de entrar no mundo mágico da imaginação. A imaginação pode se ligar à memória e a memória liga-se à imaginação. [Jorge Luis] Borges julgava que tudo que criava era memória, eu penso que tudo que se cria é imaginação com a ajuda da memória, mas o limite é traçado por nós, porque a palavra é infinita, e se nós dermos o limite, não é pela palavra (Nejar, 2021a, p. 1).

Voltar à infância e entrar no mundo mágico da imaginação, no sentido nejariano, aponta para a necessidade de experiências estéticas significativas. Se há a necessidade de voltar à infância, isso significa que a nossa formação estética foi deficiente (Lauand, 2014). Uma formação humana que não tenha como pilar as experiências estéticas não poderia ser considerada formação, não no sentido nejariano.

Entre as artes que possibilitam experiências estéticas, o poeta (Nejar, 2021, p. 1) se dedica a discorrer sobre a literatura e sua importância na formação humana, compreendendo-a como potencializadora da inventividade:

De um lado eu me preocupo mais que espaço na grade que é posta *curricularmente* a exigência aos alunos [...]. Nós não podemos desprezar a inteligência dos alunos, há toda uma literatura infantojuvenil que parece ser uma literatura para idiotas e o aluno não é idiota, o aluno tem uma grande capacidade de invenção, ele precisa ser entendido dentro disso e não colocado de um lado como transgressor [...] há muitas publicações infantojuvenis que são incrivelmente escritas para débeis mentais, e o texto não precisa ser fácil, o texto tem que ser mágico, a educação tem que ser mágica, porque a literatura ou é mágica ou não existe.

A perspectiva de formação humana de Nejar é notada quando ele destaca dois aspectos: a inventividade e a magia. A perspectiva da invenção está associada ao entendimento estético do autor sobre a educação, sobre a vida e sobre o humano. Para Pontiero (1983), a celebração mais radical de Nejar é a vida na busca do homem, da sua humanidade perdida. O papel do educador seria permitir que a inventividade não seja podada. Além disso, destacamos, no pensamento de Nejar, o protagonismo do aluno a partir do estímulo de sua capacidade inventiva, que não apenas valoriza o que ele traz, mas também incentiva a aprendizagem por meio da experiência. A experiência e a aprendizagem são intrinsecamente permeadas pela estética, entendendo esta como a apreensão do ser humano como um ser voltado para os sentidos, não se limitando apenas à razão. Nessa perspectiva, conceber a arte como experiência implica reconhecer que ela não está separada da vida, tampouco do processo educacional, que é moldado pela experiência estética, característica do pensamento nejariano. Principalmente, o aprendizado por meio da experiência estética conduz o aluno a se tornar participante ativo do seu próprio desenvolvimento educativo. Dessa forma, sua vivência estética enriquece o aprendizado, conferindo-lhe um significado mais profundo e ampliando a compreensão do ensino.

Nejar nos brinda com o entendimento de que a literatura não precisa ser fácil, mas precisa ser mágica, pois, se mágica não for, não é nada. É nesse ponto que se evidencia a potencialidade da formação humana defendida pelo poeta, porque a magia a que ele se refere é aquela que transcende a razão e aguça os sentidos, a que tem sentido artístico, uma experiência estética. Em relação à busca da criança interior daqueles responsáveis pela educação, Nejar (2021, p. 2) destaca:

A infância tem o direito de inventar, porque na verdade, o poeta não passa de um menino, e nós que lecionamos [...] nós não podemos perder o vestígio da nossa infância. Eu apenas quero completar que respeito todas as visões, mas eu como educador que fui por longo tempo, como escritor, nós temos que começar a tentar aprender com a infância. Aprender a ensinar, nós ensinamos por ter aprendido, dar vazão à imaginação da criança, não amarrar com preceitos [...] nossa educação está ficando muito artificial, não é mais coisa viva, é conhecimento, lógico... nós temos o sistema napoleônico que nós absorvemos.

A busca pelos vestígios da nossa infância está conectada com os sentidos atribuídos às sensações para que o racional não impere absolutamente sobre a formação humana, pois, é imprescindível que a imaginação e a sensibilidade sejam potencializadas. O autor ainda denuncia o sistema napoleônico de educação, caracterizado por adotar uma lógica profissionalizante, com o objetivo de formar burocratas, na qual o professor é o transmissor de conhecimento em um processo de memorização dos conteúdos e por meio de uma avaliação classificatória (Anatasiou, 2001).

Nejar (2014, p. 37), no seu percurso sobre a infância, não deixa de trazer à tona o seu conhecimento jurídico:

Nossa Constituição protege a criança sob diversas formas, ainda que o Estado nem sempre acompanhe, por omissão ou negligência [...] Tornando-se cada vez mais poderoso sobre a existência dos cidadãos [...] em tese o resguardo da infância é magnífico, a prática é diferente [...]. Todas as guardas constitucionais à criança padecem na raiz de muitas deficiências no terreno da vida cotidiana. [...] 'Nem o liberalismo econômico individualista, nem o coletivismo marxista estatizante, como soluções radicais para o problema da repartição de riqueza produzida, lograram êxito na realização de uma sociedade mais justa e saudável'. Porque não é um sistema político determinado que resguarda o cuidado com a infância,

carecemos de vontade política dos governantes, acima dos sistemas [...] E é um esforço do Promotor, este cavaleiro andante.

Além de tratar a infância do ponto de vista poético e em um sentido mais prático na educação, Nejar não se furta a acionar os seus conhecimentos jurídicos, especificamente ao mencionar o papel do promotor de Justiça (o cavaleiro andante). A concepção de formação humana de Carlos Nejar compreende que a educação é coisa viva, de acordo com a sua defesa contundente da invenção e de seu entendimento de que a educação não pode estar baseada apenas em conhecimento, pois, se assim for, não há formação humana na educação.

Nejar rompe com as perspectivas de que a educação deve se fundar na tradição e nos conhecimentos acumulados da humanidade ou na instrumentalização desses conhecimentos. O poeta pensa em uma educação em que os conhecimentos sejam transmitidos às crianças e adolescentes de forma que a inventividade e a experiência sejam potencializadas. Se, para ele, “ou a literatura é mágica ou não é nada”, podemos estender esse raciocínio para a educação, no sentido nejariano: “ou a educação é mágica ou não é nada”.

EDUCAÇÃO E ESTÉTICA: EM BUSCA DO SENTIDO NEJARIANO

Estética é uma palavra de origem grega que significa *percepção pelos sentidos*. Para Abbagnano (2000), o termo estética refere-se à ciência filosófica da arte e do belo. Conforme Alexander Baumgarten (1993, p. 15), “[...] trata-se da ciência das faculdades sensitivas que consiste na apreensão da beleza e das formas artísticas”. Tudo aquilo que afeta os sentidos é estético. Nanay (2020, p. 9) compreende a estética a partir de tipos especiais de experiências:

Aesthetics is about some special kinds of experiences. Ones we care about a lot. The Greek word ‘aesthesis’ means ‘perception’ and when the German philosopher, Alexander Baumgarten (1714-62) introduced the concept of ‘aesthetics’ in 1750, what he meant by it was precisely the study of sensory experiences.⁵

⁵ Em tradução livre: “A estética se caracteriza como alguns tipos especiais de experiências. Aqueles com quem nos preocupamos muito. A palavra grega ‘estesia’ significa ‘percepção’ e quando o filósofo alemão Alexander Baumgarten (1714-1762)

No período em que Nejar esteve no CNE, predominou (com tensões e disputas) uma perspectiva de raiz marxista na educação com a apropriação de autores que eram associados ao marxismo ou nele inspirados. Mesmo aqueles conselheiros que fizeram parte de gerações que tinham a predominância de concepções educacionais, como a tecnicista (1970) e a educação por competências (1990 e 2000), estavam mais alinhados à concepção que predominou na geração de 1980, ligadas às teorias crítico-reprodutivistas, que tinham o marxismo como base. Isso não significa necessariamente que a perspectiva formativa desses conselheiros tenha se traduzido em políticas educacionais.⁶

Entretanto, a partir de nossas análises, entendemos a concepção nejariana de educação, sobretudo pelo seu pertencimento à geração 1960, mais alinhada à perspectiva de Anísio Teixeira e de Paulo Freire. Esses autores receberam influência do filósofo e pedagogo John Dewey e têm na educação pela experiência um dos seus fundamentos. É na experiência e na educação democrática que encontramos uma congruência entre os intelectuais — no caso deste estudo, entre Nejar e Dewey. No próprio CNE, Nejar manifestou em algumas reuniões (CEB/CNE 14, 16, 17, 2004) sua insatisfação com o processo eleitoral para a presidência do Conselho, considerando-o, naquele período, antidemocrático, o que evidencia o apreço do poeta pela democracia.

Além disso, a concepção de educação de Nejar pode ser percebida nos indícios captados no parecer CEB/CNE 2/2005, que trata do Programa Nacional de Inclusão de Jovens: Educação, Qualificação e Ação Comunitária (Projovem), do qual ele foi relator (em conjunto com Francisco Aparecido Cordão) e diz se orgulhar. Ao abordar a educação e o currículo, o parecer menciona:

[...] o Projovem trabalha na perspectiva de contribuir especificamente para a reinserção do jovem na escola; a identificação de oportunidades de trabalho e formação inicial dos jovens para o mundo do trabalho; a oferta de oportunidades de desenvolvimento de **vivências desses jovens** em ações comunitárias (p. 2)

introduziu o conceito de ‘estética’ em 1750, o que ele queria dizer com isso era precisamente o estudo das experiências sensoriais”.

⁶ Na verdade, o que ocorreu foi uma continuidade da concepção de educação do governo anterior, com a permanência das recomendações dos organismos multilaterais, conforme apontado por Lopes (2004).

[...] organização curricular flexível e contextualizada, [...] tendo o trabalho como princípio educativo, deverá ser necessariamente interdisciplinar. Essa interdisciplinaridade exige que a organização curricular vá além da mera justaposição de disciplinas ofertadas de forma estanque, mas, ao mesmo tempo, que se evite a diluição de conhecimentos numa generalidade amorfa e superficial.

Ao tratar das ações curriculares, o parecer discorre:

Orientar o resgate e o registro, por parte do público participante, das trajetórias individuais escolares, de qualificação para o trabalho e **de experiências de ação social**, culminando com o esboço do Projeto de Orientação Profissional (p. 2);
[...] **sistematização das experiências de ação comunitária** de cada aluno (p. 9);
[...] **avaliando/sistematizando as experiências de engajamento social** e mapeando possibilidades/propostas de continuidade da participação social (p. 10).

Além disso, as atividades artísticas também foram contempladas no Projovem e estão associadas ao fortalecimento de: a) ideias sobre o uso do espaço e do movimento; b) a prática do trabalho; c) o uso de meios diversos de comunicação; d) a organização e exibição de manifestações artísticas, a partir dos aprendizados e experiências proporcionadas pelo curso. Entendemos que os aspectos artísticos que compõem as unidades formativas do Projovem se articulam com o pensamento de Nejar sobre educação. Consideramos que um programa de educação de jovens com foco na profissionalização que contempla a arte (sendo esta um eixo nas unidades formativas) é de grande valia, pois a perspectiva é de que as manifestações artísticas fossem excluídas dessa modalidade educacional, o que tiraria a possibilidade de uma formação estética, já que se eliminaram as experiências estéticas.

Nesse sentido, ao ser perguntado sobre os pareceres dos quais foi relator e a influência da poesia (da arte) na sua atuação no CNE, Nejar (2022, p. 1) é enfático: “Muitos se enganam a respeito do poder da poesia. Ela dá síntese e antecipação das coisas. Sim, fiz os pareceres, a que se refere, votei, participei dos debates, discutia também os pareceres e as melhores soluções. Porque a poesia é uma forma de conviver e estar com todos”. A resposta de Nejar evidencia a influência da arte em seu papel como conselheiro, e, portanto, na política educacional na qual ele intervinha.

Na mesma entrevista, quando foi perguntado de que maneira a literatura, sendo um espelho coletivo da sociedade, influia nas questões educacionais, o poeta afirmou:

Sim, creio no espelho coletivo da poesia, creio na educação como sábia aprendizagem de sobrevivência de um povo. Houve avanços na educação naquela época e hoje, tristemente, percebo recuos. O político só entra na educação para prover e construir, nunca para dominar. Como tudo o que é vivo, a imposição sufoca e esmaga (NEJAR, 2022, p. 1).

Os avanços aos quais o poeta se refere dizem respeito ao período em que ele esteve no CNE. Para Nejar (2020, p. 1), a “poesia abre uma vereda de liberdade na consciência do cidadão, que já não aceita formas que o escravizem”; as perenes experiências estéticas providas pelo contato com a arte abrem e promovem as rupturas (veredas) que não mais fecham, mas ampliam as fronteiras do pensar que só pode existir por meio da liberdade. Nesse trecho, o poeta destaca um dos princípios mais defendidos por ele: a liberdade. No CNE, Nejar acredita ser possível que a abertura dessa vereda contribua, principalmente, no rompimento com a tecnicidade comum da normatização da educação: “[...] acredito, sim, nesta vereda, a arte que se intensifica na ciência, a poesia que se aprofunda no conhecimento da alma humana, mais do que na razão que demarca o limite, a educação é um esforço que se revela na **experiência da vida e da cidadania**” (Nejar, 2022, p. 1).

A atuação do poeta como conselheiro não foi longa, considerando que a maior parte dos conselheiros cumpriram seus mandatos de quatro anos, alguns ainda tiveram seus mandatos renovados e voltaram a ser nomeados (como Francisco Aparecido Cordão, por exemplo). Ao sintetizar sua experiência no CNE, Nejar (2022, p.1) destacou:

É indiscutível a importância do Conselho Nacional de Educação, mas ouvi-lo ou não, depende dos governos, de sua visão e universalidade. Depende também da maneira com que um governo trata a Educação de sua gente. E os governos passam, mas a Educação permanece cada vez mais preciosa e indispensável.

Compreendemos que Nejar não compôs o grupo de intelectuais do Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova (1932), no qual se encontrava Anísio Teixeira, que trouxe para o Brasil o paradigma pedagógico americano da “Educação Progressiva”, mas, pelo pertencimento de Nejar à Geração de 1960, que recebeu influência desses intelectuais (Saviani, 2007) e também por termos notado, conforme exposto acima, que Nejar unia na sua concepção de educação perspectivas fundamentais que o aproximam da concepção de Dewey, a saber: a) a valorização da democracia; b) o entendimento de que a educação acontece pela experiência (“um esforço que se revela na experiência”, como ele mesmo diz); c) e a necessidade de sistematização das experiências no processo educativo, realizamos a articulação entre o pensamento educacional de Carlos Nejar e John Dewey, principalmente, com a obra *Arte como experiência* (2010), para pensar a contribuição do poeta para a educação brasileira no período em que esteve no CNE. Para Dewey (2021, p. 263):

[...] a apreciação estética inspirada e dirigida pela arte é uma exigência legítima e imperativamente urgente do homem comum; eles afirmam que o método, a inteligência, podem ser empregados não apenas por alguns críticos para o deleite ou informação de um pequeno círculo, mas para que todos possam ser educados para obter o que a arte [...] tem a oferecer.

Na compreensão de Dewey, a experiência estética não é a contemplação passiva de objetos inertes; é dinâmica e viva (Kaplan, 2010) e, para isso, seria necessária uma educação que conduzisse à fruição dessa experiência. O autor compreende a experiência como o resultado, o sinal entre o organismo e o meio e, quando plenamente realizada, acontece a “[...] transformação da interação em participação e comunicação”.

Nessa direção, a estética deweyana está relacionada a aspectos psicológicos, ou seja, o que está no interior do sujeito, na sua mente, no seu corpo, seus sentimentos, sua imaginação e seu julgamento consciente e inconsciente para discernir o que é belo e o que não é. Assim, se a experiência possui a qualidade estética, podemos atribuí-la, com consistência, ao conceito deweyano de *experiência estética*. A *experiência estética* se constitui como uma experiência comum em si mesma. No entanto, isso vem de um sentimento estético, de modo que essa experiência é a fase madura e mais elaborada do que o simples sentimento. Para Dewey (2010), toda experiência tem algo de estético e, à medida que essa qualidade prevalece e aumenta – ou também diminui –, a experiência também é mais ou menos estética.

A experiência é o aspecto central do processo educativo, para Dewey (1971), que compreende que toda educação genuína é realizada por meio da experiência, mas ressalva que nem toda experiência é educativa; algumas delas podem ser deseducativas. Quintás (1996) acredita que uma formação integral não pode ser feita sem a sua principal fonte de recursos formativos: a experiência estética. A formação estética permite, por intermédio da literatura, da pintura, da escultura e da música, que se tenha uma percepção reveladora do humano. Dewey (2010, p. 218) reconhece que “[...] um novo poema é criado por cada um que o lê poeticamente”.

Nesse sentido, para Nejar (2020, p. 1), a arte é a busca pelo desconhecido:

[...] eu penso que a arte não está muito na razão, embora a arte é um fio de razão que vai dirigir o inconsciente, mas o que escreve, o que trabalha a palavra, é como se ele andasse em cima de vara, de uma vara de um espaço a outro, no ar. Ele se acostuma em domar a palavra, mas essas indagações podem ir muito longe.

Podemos inferir que, para o poeta, a formação estética tem como desafio abrir as possibilidades sem perder a razão e preservar a razão sem que as possibilidades inventivas sejam suprimidas. Esse entendimento coaduna com o pensamento deweyano da não dualidade do sujeito. Em crônica, na qual abordou a literatura e sua relação com o social, Nejar (2017, p. 1) destacou sua reflexão sobre a estética: “[...] pois a estética é a estética e o social é o social: o político varia, o ideológico se extingue ou se faz desmontável, mas o estético permanece”. Nejar evidencia seu entendimento sobre a perenidade do estético por ser uma experiência que se mantém em um contínuo. O poeta continua, citando John Keats: “E é o que o poeta inglês Keats chamava de ‘beleza para sempre’” (p. 2).

Desse modo, uma educação que tenha o estético como princípio é uma educação perene, que se mantém pelas experiências duradouras, enquanto uma educação baseada em projetos político-partidários seria passageira, tal qual esses projetos, que se alteram conforme mudam os governos. A arte, por meio dos órgãos dos sentidos, age na nossa imaginação e dialoga com a nossa consciência criando um espaço de liberdade no qual nos sentimos à vontade para agir inventivamente:

Eu recordo a minha filha [...] quando criança, eu estava observando-a, estava ventando e ela gritou: ‘Vento, vento, ventoria!’. Eu anotei e fiz um poema ‘Vento, vento, ventoria! Liberdade!’. Nós, às vezes somos por demais adultos, somos por

demais sabidos, somos por demais eruditos e não temos essa percepção com a infância, que a infância é criadora, que a infância é inteligente, basta que tenha apenas um empurrão dentro daquilo que a infância fantasia, que a infância não está transgredindo (Nejar, 2021, p. 2).

Nejar (2021) utiliza a infância como exemplo da experiência estética. Para que essa experiência aconteça, é necessário que se tenha plena liberdade em fruir a obra de arte ou a natureza, transformando-a. *Ventória* não existia, mas, por meio da liberdade intrínseca à infância, passou a existir. Para Nejar, se a possibilidade de inventar das crianças não puder acontecer, também não acontece a educação estética.

Perissé (2009) acredita que professores com uma boa formação estética terão um olhar mais cuidadoso para os alunos, enxergarão neles potencialidades que, sem uma formação estética adequada, seriam mais difícil de serem vistas, e identificarão nos alunos os artistas em potencial, compreendendo isso como uma realidade alcançável, pois a sensibilidade do professor com o humano se torna mais aguçada com uma formação estética. Sobre a educação estética dos professores, em específico em relação à literatura, Nejar (2021, p. 2) destacou:

A grande luta dos professores, em primeiro lugar, [é] o salário. Os professores nesse país não são referendados como merecem. Segundo: compra de novos livros. O salário do professor serve pra sustentar, mas não para cuidar de comprar livros. Terceiro problema: os livros na escola têm que ser bem escolhidos, livros que não sejam *tatibitate*, livros que não sejam escritos para imbecis, respeitando a inteligência do aluno. Quando um livro desses ajuda na reinvenção, as coisas todas partem de alguma coisa que está sendo inventada, nada vem do nada. E a descoberta no aluno do poeta, do escritor, do historiador, até do homem de negócios, porque existem poetas que estão ali e não estão sendo desenvolvidos, porque educar criança é um ato de vida, não é um mero ato curricular, o ato curricular alcança o ensino, o conhecimento, mas se não há o desenvolvimento da personalidade inventiva da criança, o que importa que ela seja um armazém de conhecimento?

Além da educação estética dos professores por meio da literatura, Nejar deixa claro que sem ela não há como educar as crianças a partir de uma educação inventiva. E o que seria uma educação inventiva? Uma educação que tem a experiência estética como aspecto primordial, que possa fazer com que os professores tenham um olhar apurado na escolha dos livros. A partir de uma

educação estética, há o gosto, a capacidade de julgar entre aquilo que é belo e o que não é, no sentido estético.

O poeta é um defensor da cultura brasileira e, desse modo, o delineamento das políticas educacionais deveria ter a cultura brasileira como foco. Nejar critica o fato de o Brasil seguir modelos europeus e estadunidenses de educação, entendendo que o “aprender dentro das nossas circunstâncias” significa a valorização da nossa cultura e das nossas especificidades. Ademais, o sistema educacional brasileiro, além de estar embasado na cultura brasileira, deveria ser um sistema a partir da invenção.

Para Nejar, a imaginação e a inventividade não podem ser catalogadas, enquadradas e categorizadas, algo comum no processo educativo e na tratativa pedagógica; por isso há a necessidade da formação estética dos professores, para que possam possibilitar a inventividade com liberdade, algo caro no pensamento e na obra nejariana. Todavia, o autor compreende as dificuldades dos professores brasileiros para além da formação humana cambiante do sentido estético. Em uma perspectiva objetiva, como a desvalorização dos profissionais e a falta de recursos para que comprem livros para sua autoeducação estética e literária. Nejar (2021, p. 2) foi provocado sobre a inclusão da literatura indígena em escolas localizadas em aldeias e responde:

Todo o problema não é o fato de autores indígenas, é o fato da qualidade de autores indígenas. Hoje, nós já temos e é um candidato lá na academia, [Daniel] Munduruku que é um autor de livros infantojuvenis, é importante que os indígenas cresçam intelectualmente e que no tempo, eles ajudem seus irmãos. Agora, o que precisa mesmo é uma literatura que respeite a inteligência das crianças. Sejam indígenas, sejam as outras todas, um livro que respeite essa inteligência, porque o livro há de ser universal, um livro mesmo para crianças, que tenham uma visão inventiva, mágica da realidade é para todas as gerações, não são apenas para as crianças, ou para os índios, é para todos.

O respeito à inteligência das crianças é um princípio da concepção de educação que Nejar defende (o protagonismo da criança no processo educativo), sem desconsiderar a importância da educação indígena e do acesso do indígena à formação intelectual. O poeta compreende que o livro é universal, potencializador da inventividade das crianças. Essa arte (literária) possibilita experiências estéticas para todos aqueles que a leem. Em *Caderno de fogo: ensaios sobre poesia e ficção*, Nejar (2000, p. 122) expressa a grandeza e a

importância dos livros: “Busca-se o livro, o grande e absoluto livro que o nosso sonho beira e vislumbra. E este grande livro só se forma pela comunidade dos poemas. Uma aldeia onde todos se reconhecem e se reúnem”.

Como afirma Perissé (2009), a premissa principal do sentido de beleza no Cristianismo é a Criação. Quando o poeta vê a beleza do Sol, da Lua, das flores, ele vê o reflexo do Criador na Criação e potencializa esse reflexo, evidenciando a sua luz que se materializa na palavra do poeta. É isso que possibilita a experiência estética. Terra (2020), estabelecendo uma relação da obra de Nejar com o Cristianismo, faz uma comparação do poema “Ruído da ressurreição”, do livro *Arca da aliança*, com uma passagem do livro de *Jó* que se encontra no capítulo 12, versos 23 e 24. Diz Nejar (2001, p. 72):

Não é possível
Ressuscitar
sem o grão
descer
ao cogitar
denso
da terra.
O século
de uma semente.

Nejar assim se expressa concordando que, na passagem do livro de *Jó* citada, há menção a Jesus Cristo. Nejar faz alusão ao Cristo como o grão que desceu à terra. Segundo o próprio autor, nenhuma obra nasce do nada: uma obra sempre nasce de outra obra. A perspectiva da invenção que Nejar defende como um atributo essencial da educação também pode ser estendida para o seu entendimento estético por ser, inclusive, uma maneira da criação da sua arte, a forma como o poeta sente o mundo.

Em outro poema, “Fragmentos de um derradeiro” *Jó*, Nejar (2020, p. 95) se coloca como o personagem bíblico, identificando os sofrimentos desse personagem com as mazelas do humano:

Eu, *Jó*, na névoa
ou junto à neve.
E se quiseram
que negasse Deus, não
o neguei.

No romance *A explosão* (2018), Nejar estabelece uma relação direta do humano com o divino, reforçando o seu entendimento de educação e de estética, de modo que toda a sua obra é uma busca pelo sentido da condição humana: “O humano não é voz, é grito. E tem procedência dos arcanos. O mais humano começa no divino. E há de ter uma ave gorjeante no cabo de onde calam os murmúrios, vindo com a primeira água do rocio” (Nejar, 2018, p. 35). O poeta conecta a existência humana à existência de Deus e à manifestação divina dentro do ser, desde seus primeiros escritos, mas essa perspectiva ganha força com o passar dos anos, como na história de Jordana Duarte, personagem que unia a inventividade (a experiência) e a necessidade da manifestação do sagrado no humano.

A estética em Nejar é atravessada pelo divino, de modo que o humano, para ele, só pode ser compreendido com a presença do transcendente, Deus. A concepção de educação do poeta está associada à necessidade de experiências estéticas que tenham como resultado a invenção, aspecto que decorre da presença do sagrado, manifestada pelos órgãos dos sentidos.

Terra (2020) identificou em *Os viventes* (1979), na parte *A arca da aliança*, que Jesus Cristo é a figura central para que Nejar suscite questões e compreenda o humano, sobretudo suas angústias e rupturas, e o representa como parceiro da agonia humana, estreitando a relação entre o humano e o divino e o seu entendimento da condição humana — uma condição repleta de angústias, mas com algo divino. O Cristo nejariano é um artífice da palavra, a palavra criadora, como Nejar demarca repetidamente na sua obra. A conexão de Nejar com o sagrado, com o Deus cristão e, sobretudo, com a cultura judaico-cristã, compõem sua cultura política e, conseqüentemente, sua cultura político-educacional. Por isso, a destacamos, pois o ser que experiencia (em Nejar) é o ser que tem o divino como aspecto fundamental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Certamente, a escolha de Nejar para a composição do CNE se deveu à combinação de seus conhecimentos jurídicos com o seu olhar artístico, além de sua proximidade com Tarso Genro. A formação humana nejariana, como pudemos identificar, está embasada na perspectiva da experiência estética, de modo que coloca a inventividade como centro desse processo que, no nosso entendimento, se daria no sentido deweyano.

Nejar possui uma cultura político-educacional erudita e uma concepção de qualidade da educação firmada na erudição, porém não uma erudição limitante na qual prevaleça a transmissão de conteúdos complexos para o deleite de um professor soberbo, e sim que aconteça pela humildade, característica que potencializa a inventividade das crianças e dos adolescentes. Não há o que se falar em política político-partidária na obra e no pensamento nejariano e, conseqüentemente, na sua cultura político-educacional, pois a sua concepção de educação supera as questões das disputas pelo lugar de poder. Entretanto, isso não significa que o poeta não tenha e não manifeste seus posicionamentos políticos em sua obra (todavia, são posicionamentos não-partidários).

O senso estético de Nejar compõe a sua cultura política, de modo que é peça fundamental para a constituição da sua cultura político-educacional. Se a última está dentro da primeira, e a perspectiva estética de Nejar está associada à forma como ele compreende o mundo, a estética é um dos principais componentes da sua cultura política. Sua fala: “Brasília é como um aeroporto por sua geografia” (Nejar, 2022, p. 1) aponta para isso. Quando o poeta identifica o motivo que o leva a pedir exoneração do seu cargo como conselheiro do CNE, ele o faz demonstrando a experiência estética que teve com a capital federal, o que interferiu em uma decisão pessoal e política, de modo que é a partir de uma experiência estética que Nejar toma uma decisão que tem efeito no cenário político do país e, especificamente, no projeto de formação que se constituía (ou continuava) a partir do lugar de poder.

Conforme diz o poeta (2021, p. 1): “[...] nós morremos, quando morrem as nossas palavras. Ao dizer as coisas, elas começam a tomar um destino novo, temos que nomear e designar as coisas. A luz está na palavra. As coisas nos entendem e depois é que nós entendemos. A linguagem que impõe o gênero”. A palavra da formação humana e artística, da educação estética morreu, fazendo com que essa concepção também tenha se apagado, e fez sem sentido que o “servo da palavra” se mantivesse onde não havia mais palavra, onde não havia mais poesia, mesmo sendo ele o polímata que é, e com uma energia produtiva invejável:

[...] me interesse por muitas áreas, é verdade que Deus me deu uma energia de nova juventude, é verdade que tenho lido incansavelmente, aprendido e sonhado entre poesia, ficção, teatro, ensaio, literatura infantojuvenil. Não sei se sou polímata, o que sei ser é apenas servo da Palavra (Nejar, 2022, p. 1).

Ao nos lançarmos em busca do sentido estético nejariano, deparamo-nos com a inventividade e com o retorno à infância. Na educação, o papel dos professores, que também devem ser educados esteticamente, está em proporcionar experiências estéticas perenes, pois, segundo Nejar, o estético permanece. Assim, ao alcançar a idade adulta, o seu retorno à infância seria facilitado pela própria perenidade das experiências que tivera.

O CNE, como um grupo de intelectuais, pelos pressupostos apontados por Sirinelli (2003), deveria organizar-se em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum ou afinidades que estabelecem (entre eles) o gosto de conviver. Entendemos que a afinidade comum entre esses intelectuais estaria na melhoria da educação brasileira, mas a sensibilidade ideológica comum ou as afinidades, ainda que mais difusas, podem ser encontradas nos microclimas que se constituem dentro da rede intelectual maior, que é o CNE.

Carlos Nejar, de fato, pertencia ao microclima defensor de uma educação que privilegiasse uma formação humana voltada para a experiência e para a arte, como pudemos perceber pelos indícios do entrelaçamento entre o cultural e o político na sua obra, suas entrevistas e pronunciamentos. O CNE pode ser compreendido entre um campo de intelectuais com diferentes culturas políticas em disputa e, quando a poesia não era mais capaz de fazer *com que vissem como se vissem pela primeira vez*, ao poeta coube retirar-se para que a palavra ainda vivesse.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ALEXANDER, Thomas. Dewey's Philosophy of Art and Aesthetic Experience. **Artizein: Arts and Teaching Journal**, v. 2, n. 1, 2016.

ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. Metodologia de ensino na universidade brasileira: elementos de uma trajetória. CASTANHO, Maria Eugênia; CASTANHO Sérgio (org.). **Temas e textos em metodologia do ensino superior**. Campinas: Papyrus, 2001. p. 57-70.



BAUMGARTEN, Alexander. **Estética**: a lógica da arte e do poema. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

BERSTEIN, Serge. Culturas políticas e historiografia. In: AZEVEDO, Cecília; ROLLEMBERG, Denise; BICALHO, Maria Fernanda; KANAUSS, Paulo; QUADRAT, Samantha Viz. **Cultura política, memória e historiografia**. Rio de Janeiro: FGV, 2009. p. 29-46.

BLOCH, Marc. **Apologia da história**: ou o ofício do historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

CENCI, Angelo Vitório; MORIGI, Aline Franciele. A experiência estética e a formação humana numa perspectiva monista em Dewey. **Conjectura: filos. e Educ.**, Caxias do Sul, v. 24, e019008, 2019.

COELHO, Nely Novaes. **Carlos Nejar e a “geração de 60”**. São Paulo: Edição Saraiva, 1971.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DEWEY, John. Arte na Educação-Educação na Arte. In: HAUBERT, Laura Elizia. “Arte na Educação-Educação na Arte” de John Dewey. **Revista Apotheke**, v. 7, n. 2. 2021.

DEWEY, John. **Experiência e educação**. São Paulo: Ed. Nacional, 1971.

FISCHER, Luís Augusto. **Histórias de Acadêmicos - Carlos Nejar**. [Entrevista concedida à] TV Senado. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oOg3o3Dg4GY&t=2s>. Acesso em: 20 set 2022.

GAMA, O. Sobressimbolismo. São Paulo. **Insight Inteligência**. n. 88. 2020.

GOMES, Angela de Castro.; HANSEN, Patricia. Apresentação-Intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para a delimitação do objeto de estudo. **Intelectuais mediadores**: práticas culturais e ação política, São Paulo: Civilização Brasileira, 2016. p. 7-37.

GOMES, Angela de Castro. O lugar dos “intelectuais mediadores” [Entrevista concedida ao] **Café História**. 2019. Disponível em:



<https://www.cafehistoria.com.br/intelectuais-mediadores-entrevista-angela-de-castro-gomes/>. Acesso em: 16 mar. 2022.

KAPLAN, Abraham. Introdução. In: DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

LAUAND, Luiz Jean. **Cultura e educação na Idade Média: textos do século V ao XIII**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

LOPES, Alice Casimiro. Políticas curriculares: continuidade ou mudança de rumos?. **Revista Brasileira de educação**, p. 109-118, 2004.

MACHADO, Cíntia Marízt dos Santos Ferraz. **The illuminated: the ark of covenant parody in Carlos Nejar s religious poetry**. 2013. 161 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos e Estudos Literários) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2013.

MENDONÇA, Ana Waleska et al. Pragmatismo e desenvolvimentismo no pensamento educacional brasileiro dos anos de 1950/1960. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, p. 96-113, 2006.

MOTA JUNIOR, W. P. D.; MAUÉS, O. C. O Banco Mundial e as políticas educacionais brasileiras. **Educação & Realidade**, 39, 1137-1152. 2014.

NANAY, Bence. **Aesthetics: A very short introduction**. Oxford. Oxford University Press, 2020.

NEJAR, Carlos. **A explosão**. Goiânia: Editora Prime, 2018.

NEJAR, Carlos. **A formiga metafísica**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1988.

NEJAR, Carlos. **Arca da aliança**. Lisboa: Pergaminho, 2001.

NEJAR, Carlos. **Breve história do mundo (Antologia)**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

NEJAR, Carlos. **Caderno de fogo: ensaios sobre poesia e ficção**. São Paulo: Escrituras Editora, 2000.

NEJAR, Carlos. **Carlos Nejar: “Somos muitos Portugais juntos”**. [Entrevista concedida ao] Portal Carta Maior. 2005. Disponível em:

<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Midia/Carlos-Nejar-Somos-muitos-Portugais-juntos-/12/7427>. Acesso em: 24 mar. 2022.

NEJAR, Carlos. **Diálogos realitas**: Carlos Nejar [Entrevista concedida ao] Instituto Realitas. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IN2LQjAYH10>. Acesso em: 23 mar. 2022.

NEJAR, Carlos. **Encontro com Carlos Nejar**: a importância da literatura para a formação humana [Entrevista concedida à] Academia Feminina de Letras e Artes de Mato Grosso do Sul na UFMS. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iGPv7C-yusw>. Acesso em: 30 mar. 2022.

NEJAR, Carlos. **Entrevista inédita concedida em sua casa, na Urca, RJ**. [Entrevista concedida a] Kenner Terra, 2018.

NEJAR, Carlos. **Entrevista para Heitor Lopes Negreiros**. [Entrevista concedida a] Heitor Lopes Negreiros. 2022b.

NEJAR, Carlos. **Era um vento muito branco**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1987.

NEJAR, Carlos. Fragmentos de um derradeiro Jó. In: **Antologia da Academia Brasileira de Letras**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2020. p. 94-106.

NEJAR, Carlos. **Jericó soletrava o Sol as coisas pombas**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1986.

NEJAR, Carlos. **O livro do peregrino**. São Paulo: Objetiva, 2002.

NEJAR, Carlos. O social e a literatura. **A Tribuna**. 2017. Disponível em: <https://www.academia.org.br/artigos/o-social-e-literatura>. Acesso em: 19 mar. 2022.

NEJAR, Carlos. **Os viventes**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.

NEJAR, Carlos. **Poesia, prosa e política**: Marcelino Freire conversa com Carlos Nejar. [Entrevista concedida a] Marcelino Freire. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BMK6SB4-l8A>. Acesso em: 16 mar. 2022.

NEJAR, Carlos. **Zão**. São Paulo: Melhoramentos, 1988.

OLIVEIRA, Francisco. No silêncio do pensamento único: intelectuais, marxismo e política no Brasil. In: NOVAES, Adauto. **O silêncio dos intelectuais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 293-305.

ORY, Pascal; SIRINELLI, Jean-François. **Los intelectuales en Francia**: del caso Dreyfus a nuestros días. Valencia: Universitat de Valencia, 2007.

PONTIERO, Giovanni. **Carlos Nejar**: poeta e pensador. Porto Alegre: Edições Porto Alegre, 1983.

PORTELLA, Eduardo. A ressurreição da palavra segundo Carlos Nejar. In: PONTIERO, Giovanni. **Carlos Nejar**: poeta e pensador. Porto Alegre: Edições Porto Alegre, 1989. p. 72-76.

PT, Partido dos Trabalhadores. **Programa de Governo**. 2002.

QUINTÁS, Alfonso López. **Cómo lograr una formación integral**. Madrid: San Pablo, 1996.

RIBEIRO, Léo Gilson. Prefácio: Carlos Nejar, o poeta. In: NEJAR, Carlos. **Melhores poemas de Carlos Nejar**. São Paulo: Global Editora, 2019.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2007.

SIRINELLI, Jean-François. Génération, générations: vingtième siècle. **Revue d'Histoire**, n. 2, p. 113-124, 2008.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, Rene (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 231-270.

TERRA, Kenner Roger Cazotto. “Nuvens são pássaros...” Jesus na obra “A arca da Aliança” de Carlos Nejar. **Teoliterária**, v. 10, n. 20, p. 38-69, 2020.

Recebido em 19/07/2023.

Aprovado em 14/01/2024.